

**Assunto:** Empreendedorismo

**Entrevista a:** Francisco Banha

---

### **1. O que é o empreendedorismo? E ser empreendedor?**

Empreendedorismo é um termo que designa a capacidade de iniciativa, em particular a iniciativa daquele que “empreende” algo – não obrigatoriamente no âmbito empresarial pois Madre Teresa de Calcutá foi uma das maiores empreendedoras da história da Humanidade e que eu saiba não criou nenhuma empresa. Ser empreendedor é tomar essa capacidade de iniciativa e ser capaz de a implementar no quotidiano, no ambiente de trabalho mas também na esfera pessoal de cada um. Ser empreendedor é também questionar a realidade e procurar novas soluções para ultrapassar problemas e desafios.

### **2. Sabemos que esta é uma área onde tem tido intervenção activa desde há longos anos. Como lhe surgiu a ideia?**

Antes de mais sou um empreendedor e acredito na capacidade das pessoas para implementarem a mudança, com criatividade e paixão. Tive oportunidade, em 2004, de conhecer, por intermédio do empreendedor e meu amigo Rui Câmara e Sousa, o Professor Canadano Chris Curtis, um “guru” no ensino do empreendedorismo cuja capacidade de comunicação e partilha do que é o empreendedorismo desde logo apreciei. Daí a criar, em 2006, uma empresa dedicada exclusivamente ao ensino do empreendedorismo acabou por ser um passo natural dado que tudo estava ainda por fazer. Cedo me apercebi que outras pessoas, como eu, em particular no Centro de Empresas e Inovação da Madeira, logo de seguida nas Câmaras Municipais de Cascais e de S.João da Madeira e posteriormente em muitos outros Municípios, acreditavam no despertar para o empreendedorismo das camadas mais jovens. Essa consciência dos Municípios de que este elemento didático faltava nos programas escolares levou-nos a criar programas, dedicados para vários níveis de ensino, onde as crianças e jovens são levadas a experimentar e a ser desafiadas pelo empreendedorismo.

### **3. Podemos nós aprender a ser empreendedores? Ou é necessário possuir algumas características específicas?**

Muhammad Yunus, Prémio Nobel da Paz e pioneiro do micro-crédito afirmou em tempos que « Todos os seres humanos são empreendedores. Quando estávamos nas cavernas, éramos trabalhadores por conta própria...a encontrar comida, a alimentarmo-nos. Foi aí que começou a história humana. Com o advento da civilização suprimo-lo porque nos rotularam: “és um trabalhador”. Esquecemo-nos de que somos empreendedores.»

Acredito por isso que os seres humanos são empreendedores não por deverem criar empresas, mas sim porque o desejo de criar está codificado no ADN humano, sendo a criação a essência base do empreendedorismo.

Um dos primeiros desafios que colocamos às crianças nos nossos programas é precisamente esse: quais são as características dos empreendedores? E o curioso é que após todo um brainstorming de características estas

correspondem na sua grande maioria a características que qualquer um de nós pode ter ou desenvolver, da iniciativa, à liderança ou à capacidade de organização entre muitas outras.

#### **4. No ambiente de crise económica que estamos a atravessar, em que o número de falências de empresas cresce de dia para dia, como é que um potencial empreendedor deve encarar esta realidade?**

Antes de mais tenho consciência que podemos encontrar oportunidades com uma relação risco/recompensa favorável em áreas que conhecemos bem, e onde o cálculo de risco dos nossos pares pode não resultar. Por exemplo os empreendedores inexperientes, assustam-se durante uma recessão, desistindo das ideias por julgarem que reunir financiamento é mais difícil, levar os consumidores a gastar dinheiro é mais complicado e que um emprego numa empresa é mais seguro em tempos difíceis.

Por sua vez os empreendedores experientes sabem que, na verdade, criar uma empresa durante uma quebra na economia apresenta menos riscos do que se julga exactamente porque as outras pessoas se sentem amedrontadas pelo risco. De facto quando criamos uma empresa durante uma recessão há menos concorrência pelos melhores talentos, pelo dinheiro dos consumidores, pela cobertura da imprensa, etc.

Em face do exposto há quem defenda que a circunstância de tantos empreendedores verem a recessão como um período de grande risco faz com que, na verdade, seja uma altura de baixo de risco.

Sou apologista de que um potencial empreendedor deverá ter presente os cenários em que se encontra numa posição privilegiada ou seja onde possa ter informações acima da média que lhe permita avaliar o risco e se for o caso decidir levar por diante aquele projecto que visa resolver uma necessidade concreta, da Sociedade em que se insere.

#### **5. Será esta situação um veículo potenciador do aparecimento de novos empreendedores?**

Espero que sim. De facto muitas empresas que hoje são verdadeiros ícones da economia mundial, como a Microsoft e a FedEx, foram criadas nas profundezas de uma recessão. Hoje, como noutras épocas, os inevitáveis despedimentos que se têm estado a verificar, em várias indústrias, acrescidos das oportunidades provenientes da resolução de problemas de forma criativa e inovadora fazem antever o surgimento de uma nova geração de empreendedores e de start-ups, nomeadamente nos sectores da Internet, energias renováveis, ciências da vida, cuidados de saúde e nanotecnologia.

Tenho consciência, porém, que poucos entre os novos desempregados – obrigados a sair da sua zona de conforto – criarão empresas mas os que o fizerem estarão certamente a contribuir para gerar novos empregos e oportunidades.

Em todo o caso se há mensagem que gostaria de transmitir, nesta entrevista, é que qualquer um de nós para se adaptar aos actuais desafios da sua vida profissional terá de redescobrir os seus instintos empreendedores e usá-los para criar novos tipos de carreira. Hoje em dia, quer sejamos advogados, médicos, professores, engenheiros ou até maquinistas, precisamos de nos ver como um empresário ao leme de pelo menos uma empresa em fase de arranque com grandes previsões de crescimento: a sua carreira.

## 6. Considera que Portugal é um país de empreendedores e que os portugueses têm potencial empreendedor?

Portugal é um país de empreendedores. Não podemos esquecer que temos uma percentagem de PMEs semelhante aos outros países Europeus na ordem dos 95-98% e todas estas empresas foram criadas por empreendedores que em algum momento das suas vidas decidiram arriscar.

Por vezes pode parecer faltar “empreendedorismo” mas este não está ausente, **apenas inexplorado**. Durante várias décadas criámos nas nossas escolas e universidade “empregados” deixando pouco espaço à exploração da criatividade e da inovação. Isto fazia sentido numa economia onde as grandes empresas pareciam assumir um papel seguro de empregadores mas é atualmente patente que esse modelo coloca a nossa sociedade em risco de ser pouco flexível para momentos de crise.

Felizmente que vejo cada vez mais por todo o país várias organizações e em particular municípios (conto já 66 dos 308), em total alinhamento com as Direcções das Escolas e de Agrupamentos de Escolas, a privilegiar a integração do empreendedorismo nos programas curriculares dos alunos. Acredito que essa mudança é crítica para não cometermos os mesmos erros e ajudarmos as novas gerações a interpretar o ambiente em que vivem de forma diferente, mais crítica e a tomar decisões de forma mais autónoma.

Julgo que chegou também a hora de aplaudir os que arriscam, de elevar os que de forma honesta e em respeito para com os outros criam empresas que geram valor e novos postos de trabalho, em particular empregos mais qualificados compatíveis com as expectativas dos jovens licenciados/ mestrados Portugueses.

A criação de uma Secretaria de Estado para o Empreendedorismo é um sinal de que Portugal está mais atento a essa área – e porventura à frente de muitos outros países Europeus. Julgo porém que, mais importante ainda é vermos um vasto conjunto de actores a influenciar o empreendedorismo em Portugal e a apoiar - cada um à sua maneira e com os seus recursos - os empreendedores. Por todo o País vemos Autoridades Municipais, Universidades, **Associações de Business Angels – cujos membros possuem um Fundo de Co-Investimento com 42 milhões de euros para investir, até Junho de 2013, em novas empresas**- Incubadores de empresas, Aceleradoras de empresas, Plataformas de Crowdfunding, entre muitos outros, a providenciar gabinetes de apoio, formação dedicada, consultoria gratuita ou maior acessibilidade a capital, o que demonstra estarmos efetivamente no bom caminho para um Ecossistema mais completo e saudável.

## 7. Criar uma empresa envolve muita carga burocrática?

Na minha opinião este não é um obstáculo nos nossos dias uma vez que a criação de uma empresa faz-se “na hora” com custos reduzidos e toda a documentação legal (contabilidade e registos, por exemplo), pode ser delegada, em regime de outsourcing em empresas especializadas que fazem dessas funções o seu negócio principal. Refira-se, por exemplo, que o próprio registo como profissional a título individual é ainda mais simples e sem custos associados, bastando ir a qualquer repartição de finanças e iniciar a actividade.

Recordo a propósito que, actualmente, já existem um conjunto de infra-estruturas de apoio aos empreendedores, que pretendam criar as suas empresas, nomeadamente incubadoras, ninhos e aceleradoras de start-ups que possuem serviços administrativos, contabilísticos e jurídicos que são colocados ao dispor dos referidos empreendedores libertando, os mesmos, destas exigências corporativas para que se possam concentrar nas tarefas mais relacionadas com o negócio propriamente dito.

#### **8. Existem mecanismos adequados e suficientes para apoiar iniciativas empreendedoras? Ou, pelo contrário, existem muitos condicionantes?**

Para além da evidente queda no consumo e quadro fiscal, não existem propriamente condicionantes para empreender. Conforme referi a constituição de empresas não é por si custosa. Quanto aos mecanismos de apoio, convém referir que Portugal dispõem hoje de uma grande variedade de estruturas e meios de apoio como sejam os gabinetes de empreendedorismo, agências de desenvolvimento locais, ninhos de empresas, aceleradoras de negócios, incubadoras e parques tecnológicos assim como alguns programas específicos de financiamento à actividade empresarial quer esta seja de base local ( Microcrédito e Finicia) quer de base tecnológica ( Business Angels, Fundos de Venture Capital ).

Outras iniciativas existem mais vocacionadas à criação de emprego e visam sobretudo desempregados e jovens que procuram criar o seu posto de trabalho e que acreditam nas suas competências. Recordo-me em particular da linha protocolada entre a CGD, o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), as Sociedades de Garantia Mútua (SGM) e a Sociedade de Investimento (SPGM) que permite financiamentos bonificados de 7 anos até 100.000€ (Microinvest e Invest+). Ver informação detalhada em : <https://www.cgd.pt/Institucional/Banco-Social>. Também o FINICIA Jovem, pela mão do IPJ – <http://juventude.gov.pt/> - permite a concessão de microcrédito até 25.000€ com taxas de juro atrativas a jovens desempregados ou “sub-empregados” que preenchem uma série de requisitos que infelizmente correspondem a muitos jovens portugueses.

#### **9. Considera que o Programa Estratégico +E+I e a recente aprovação da configuração do Conselho Nacional para o Empreendedorismo e a Inovação, irão fomentar o aparecimento de uma sociedade mais empreendedora?**

Na minha opinião a criação de uma Sociedade mais empreendedora é algo que deve estar presente nas principais preocupações do Governo de um País pois acredito que os empresários são o “osso do crânio” do crescimento da economia devendo por isso o Governo de fazer tudo o que estiver ao seu alcance para os ajudar a ter sucesso.

Uma vez que somente com atitudes e comportamentos empreendedores, demonstradas dia a dia, se consegue criar prosperidade para os indivíduos, para as empresas e para os próprios Países então o desenvolvimento de iniciativas políticas valiosas e programas de apoio para manter e estimular a criação da iniciativa empreendedora e dos pequenos negócios terá obrigatoriamente de fazer parte da lista de prioridades do nosso Governo e nomeadamente da Secretaria de Estado do Empreendedorismo, Competitividade e Inovação.

Por isso o que quer que seja que o Governo possa fazer para fortalecer o sentido de missão nacional, regional ou até mesmo local, de uma economia empreendedora, valerá a pena o investimento.

Ora se o Programa Estratégico +E+I e a recente aprovação da configuração do Conselho Nacional para o Empreendedorismo e a Inovação vier a contribuir para a implementação no nosso País dos três factores impulsionadores de uma cultura empreendedora, que passo a expor, então certamente que a médio prazo iremos beneficiar, enquanto Povo, da existência da visão estratégica que se encontra por detrás deste recente Programa:

- Primeiro que tudo, a educação é essencial. Um sistema educacional aberto, inovador e criativo é fundamental nomeadamente através da introdução no ensino de métodos que potenciem a transmissão de competências empreendedoras;
- Em segundo lugar, é importante enfatizar, pelos líderes do País e pelo sistema educacional, que toda a gente tem o potencial dentro de si para alcançar grande progresso e fazer a diferença, desde que interiorize a importância de se treinar a si próprio no desenvolvimento das suas capacidades.
- Acredito, também, no que chamamos criatividade, essa capacidade de fazer coisas novas, para encontrar, dentro de cada um de nós e na nossa mente, novas maneiras de fazer as coisas, como um dos elementos mais importantes, na transmissão do espírito empreendedor, quer ele esteja presente no nosso local de trabalho, nas artes, no sistema tecnológico e científico ou dentro dos departamentos de inovação das próprias empresas.

Gostaria por isso de acreditar que nos próximos anos, e como resultado da implementação do citado Programa, possamos assistir a um acesso real na actividade em termos do arranque de novas empresas, na sustentação de muitos empresários dinâmicos e na constatação de que os sistemas de ensino entendem o valor do sentimento empreendedor não apenas na educação dos seus estudantes, mas também em termos de como eles próprios funcionam.

#### **10. Em que medida a dinamização do empreendedorismo poderá vir a potenciar o crescimento económico do país?**

Todas as iniciativas – e tenho visto bastantes por todos o País - que levam jovens e menos jovens a desenvolverem novos projetos empresariais são um estímulo para que hoje, amanhã ou dentro de 5 anos, essas mesmas pessoas acabem por acreditar que elas podem realmente construir um negócio viável à volta de uma ideia que as apaixone e que as leve a ser mais felizes e mais realizadas.

Acresce, que numa altura em que mais de 36% dos nossos jovens estão desempregados, apesar de muitos deles terem uma forte preparação académica e até tecnológica, faz todo o sentido acreditarmos que se parte deles conseguir ultrapassar essa situação, através da criação do seu próprio posto de trabalho, então toda e qualquer prestação de serviço (ou produto), que os mesmos criarem, representará um rendimento que será de novo injetado na economia como consumo. É isso que nos falta: produzir mais através da criação de um ciclo virtuoso de crescimento que se inicia quando as pessoas pensam de forma mais empreendedora.

Em todo o caso por mais que defenda que todos nós podemos e devemos ser empreendedores nas nossas vidas, reconheço que nem todos temos as capacidades de aplicar essa competência na criação e gestão de uma empresa. Percebo, por exemplo, o que o Senhor Primeiro Ministro quer dizer com termos todos de sair da nossa zona de conforto e – de alguma forma – empreendermos.

Julgo que cabe a cada um reflectir sobre as suas competências e saber que tipo de “empreendedorismo” deve adoptar: Criar uma empresa? Reconverter-se profissionalmente? Renegociar as suas funções com a direcção da empresa? Mudar de região ou até mesmo de país?

A frustração, como catalisador da iniciativa empreendedora pode ser positiva em alguns casos nomeadamente quando se identificou uma oportunidade e se possui um Plano de Negócios elaborado que permita antecipar as acções que se tem de satisfazer para a implementar.

Ora numa Sociedade que pouco ou nada tem feito para estimular a informação e a formação em empreendedorismo, como uma forma de estar na vida, dificilmente encontraremos indivíduos ou grupos de

indivíduos que de momento para o outro se vêm em situações de desconforto com oportunidades detectadas e com um plano de negócios para a implementar quer aqueles sejam quadros de uma multinacional ( como foi o caso dos engenheiros portugueses que trabalhavam na Quimonda) quer operários de uma linha de produção que visem lançar negócios de necessidade a nível local.

De facto um quadro de uma empresa que durante anos exerceu a função de director de produção em face de uma eventual perda de emprego e perante os discursos inspiradores dos leaders de opinião e dos sistemas de incentivos existentes pode sentir-se tentado a colocar em prática uma determinada ideia de negócio com base no Know- How que possuía da experiencia como empregado.

Contudo comprar, vender, cobrar, financiar, determinar custos e preços é algo mais do que gerir uma unidade de produção e por isso é conveniente ter presente que se o desejo de demonstrar a terceiros pessoas e a nós próprios que o facto de estarmos desempregados não é um sinal de fracasso por outro lado é importante ter presente que podemos ser empresários mas não nos podemos esquecer que se as coisas não estiverem bem fundamentadas o fracasso que daí advém pode ser muito mais preocupante do que a “mera” perda de um emprego.

## 11. Que conselhos pode dar a alguém que quer ser empreendedor?

Parece haver uma pressão generalizada para “empreender” e não quero de todo contribuir para esse estigma social de que os desempregados “têm” de empreender. Pretendo tão somente alertar para esta possibilidade. Se todos podemos ser empreendedores, aceito que nem todos possam criar a sua própria empresa ou o seu próprio serviço. Para os que o tencionam fazer, recomendo a preparação de um documento básico (duas páginas chegam), que lhes permita identificar bem a necessidade que estão a tentar colmatar, qual a melhor solução para essa necessidade e que recursos são necessários (competências pessoais e técnicas) e certamente se será necessário investir capital. Acrescente-se ainda neste documento a forma como se pretende chegar aos potenciais clientes e quais os objectivos de vendas para um período (1-5 anos). Este pequeno mas eficiente plano de negócios representa um momento de reflexão e de avaliação que determinará o potencial de sucesso.

Numa abordagem mais motivacional, sugiro que cada um procure as suas paixões, aquilo que lhe dá mais prazer fazer e que procure encontrar nessa área um negócio que seja não só uma fonte de rendimento mas também uma fonte de motivação – essencial para ultrapassar todos os desafios que vão surgir.

Entrevista concedida por Francisco Banha, Presidente do Grupo Gesbanha, da Direcção da FNABA e Professor Universitário de Empreendedorismo no ISEG, em 10.06.12